

## **GRAMATICALIZAÇÃO NA ESTRUTURA TEXTUAL: DA COMBINAÇÃO ENTRE AS CLÁUSULAS ADJETIVAS À UNIDADE RETÓRICA DO DISCURSO**

Noelma Cristina Ferreira dos Santos (1); Camilo Rosa Silva (2)

(1) *Universidade Estadual da Paraíba/ Universidade Federal da Paraíba* – [professoranoelma@yahoo.com.br](mailto:professoranoelma@yahoo.com.br);

(2) *Universidade Federal da Paraíba* – [camilorosa@gmail.com](mailto:camilorosa@gmail.com)

**Resumo:** Os estudos linguísticos funcionalistas se propõem a analisar os aspectos gramaticais da língua em uso, considerando o contexto discursivo. Inclui-se, nessa realidade, a análise das sentenças complexas, a qual não deve se limitar ao nível interno das frases, mas deve considerar as funções discursivas (MATHIESSEN; THOMPSON, 1987). Objetivamos, no presente trabalho, analisar as relações retóricas das orações hipotáticas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo “o que”, e identificar as funções sintáticas e semântico-pragmáticas desse pronome nas orações analisadas. O *corpus* adotado constitui-se de uma amostra de 200 redações, sendo 100 delas de candidatos a uma vaga no ensino técnico integrado, portanto, egressos do ensino fundamental, e 100 redações de candidatos a uma vaga no ensino superior, portanto, egressos do ensino médio. Nosso embasamento teórico envolve outros autores funcionalistas, como Halliday (1985), Mathiessen e Thompson (1987), Givón (1990), Hopper e Traugott (1993), Decat (2011; 2014), Neves (2007; 2014), que abordam as relações entre as orações complexas. Os resultados revelam que a hipotaxe adjetiva tem importantes funções argumentativas na organização retórica do discurso e o pronome relativo “o que”, além de fazer a conexão entre as orações, assume a função de retomada da oração nuclear completa e, ainda, uma função sintática na oração satélite.

**Palavras-chave:** Hipotaxe adjetiva. Relações retóricas. Pronome Relativo.

### **1 Introdução**

A análise das sentenças complexas, sob o ponto de vista funcionalista, ultrapassa o limite do nível interno da frase, para se considerarem as relações retóricas estabelecidas entre as cláusulas, portanto, avança do aspecto gramatical para o discursivo. No presente trabalho, objetivamos analisar os tipos de relações retóricas existentes entre as orações hipotáticas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo “o que”, e suas orações nucleares. Além disso, também objetivamos identificar as funções sintáticas e semântico-pragmáticas desse pronome nas orações analisadas.

O conhecimento prévio de que as explicativas podem ser retiradas sem comprometer o sentido da oração deve ser mudado. Através das adjetivas, os autores podem se posicionar, comentar, avaliar, descrever, enfim passar as informações pretendidas e ultrapassar o âmbito gramatical, alcançando o discursivo.

Os pronomes relativos, por sua vez, revelam-se como corresponsáveis diretos nesse avanço do gramatical para o discursivo, realizando os movimentos necessários dentro do texto para isso se concretizar e ampliando seu campo de alcance, já que muitas vezes não recuperam apenas o antecedente imediato, mas todo o contexto, além de antecipar informações e gerar expectativas no leitor de algo que ainda vai ser dito. Portanto, para compreendermos a complexidade que circunda os usos dessa classe, buscamos analisar o contexto em que eles se inserem e o funcionamento de uma das formas que assume esse papel, a forma “O QUE”. Avançamos para entender as orações adjetivas como um espaço propício para argumentação.

O *corpus* organizado para a análise é constituído por redações de processos seletivos de duas instituições brasileiras de ensino, uma pública federal e outra privada. Da instituição pública, analisamos redações produzidas por candidatos que concorrem a vagas no ensino técnico integrado; da instituição privada, analisamos redações produzidas por candidatos a vagas no ensino superior, no curso de Medicina, daí a nossa referência aos textos de acordo com os níveis para os quais os candidatos concorrem, Técnico Integrado (TI) e Superior (SUP).

A escolha dessas instituições se deu a partir do critério de acessibilidade, uma vez que a maioria delas não realiza mais seus processos seletivos para ingresso dos alunos, utilizando a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como critério. Além disso, as poucas instituições que realizam os processos não incluem a prova de redação.

Na próxima seção, discorreremos, do ponto de vista teórico funcionalista, sobre a combinação entre as cláusulas, enfatizando os tipos de articulação e de relações retóricas que se estabelecem entre as adjetivas e suas nucleares.

## 2 ARTICULAÇÃO ENTRE AS SENTENÇAS COMPLEXAS: A COMBINAÇÃO DE CLÁUSULAS ADJETIVAS

Tradicionalmente, a relação entre as orações em um período composto classifica-se como subordinação e coordenação<sup>1</sup>. Na perspectiva funcionalista, coordenação/subordinação não são classificadas como uma dicotomia. Alguns autores (a exemplo de HOPPER; TRAUGOTT, 1993 e GIVÓN, 1990) propõem analisar essas articulações a partir de contínuos. Hopper e Traugott (1993, p.170) sugerem um *continuum* que vai da parataxe (não dependência e não encaixamento), passando pela hipotaxe (dependência, mas não encaixamento) até a subordinação (dependência e encaixamento). Os autores representam essa relação entre as orações da seguinte forma:

Parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- dependência		+dependência		+dependência
- encaixamento		-encaixamento		+encaixamento

Nessa concepção, parataxe e hipotaxe estão para o parâmetro “dependência”, enquanto coordenação e subordinação estão para o parâmetro “integração”. Situando, nesse *cline*, as orações classificadas de acordo com a perspectiva tradicional, observamos traços de subordinação, nas orações substantivas e adjetivas restritivas, e traços de hipotaxe, nas orações adverbiais e adjetivas explicativas. As orações coordenadas, por sua vez, são paratáticas. Assim, teríamos a seguinte representação do *cline* proposto por Hopper e Traugott (1993):

Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
Orações coordenadas		Orações adverbiais		Orações substantivas
		Orações adjetivas explicativas		Orações adjetivas restritivas

Para Halliday (1985), as orações complexas organizam-se sob dois eixos: o sistema tático (de interdependência) e o sistema lógico-semântico (de relações entre processos). No primeiro eixo, concentram-se as relações de parataxe, continuação de elementos, e hipotaxe, dominação de

<sup>1</sup> Essa classificação corresponde à abordagem da Gramática Normativa (CUNHA; CINTRA, 2001; CIPRO NETO; INFANTE, 1998, entre outros autores.).

elementos, que se complementam com as funções discursivas do eixo semântico-funcional. O segundo eixo, o sistema lógico-semântico, refere-se ao aspecto semântico-funcional das relações entre os processos e se realiza por *expansão* (elaboração, extensão ou realce) ou por *projeção*.

Seguindo esse raciocínio, encaixamento “[...] não é nem parataxe, nem hipotaxe, porque não é mecanismo de ‘relação’ entre as orações, mas é mecanismo de ‘constituência’ de uma oração que entra no eixo tático que vai formar a frase complexa” (NEVES, 2007, p. 228), funcionando como constituinte da estrutura de um sintagma. As orações representativas do encaixamento são as completivas e as adjetivas restritivas que se encaixam nas suas orações principais<sup>2</sup>.

Interpretando a discussão proposta por Halliday (1985), entendemos que, no eixo tático, as orações adjetivas explicativas mantêm uma relação de interdependência com as orações nucleares, seria, portanto, uma relação hipotática em que a oração que domina é livre e a adjetiva é dependente, mas não é encaixada. No sistema lógico-semântico, as relativas explicativas têm o caráter de elaboração, já que especificam o significado da oração nuclear.

Givón (1990) também nega uma dicotomia entre coordenação e subordinação e defende que toda e qualquer oração é, de certa forma, dependente do seu contexto imediato. Assim, o autor comunga da opinião de que a integração entre as orações deve ser estudada a partir de um *continuum* e de que há uma explicação icônica na integração das orações.

## 2.1 Relações retóricas entre as adjetivas e suas nucleares

No que respeita à integração entre as orações, do ponto de vista retórico, recorreremos à Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST)<sup>3</sup>, que faz parte do funcionalismo norte-americano e é representada por autores já citados aqui, como Givón, Hopper, Halliday, entre outros. Seguindo a perspectiva de aliar gramática e discurso, a RST estuda a organização dos textos, a partir das relações estabelecidas entre as suas partes. (MANN; THOMPSON, 1987; 1988). Segundo essa teoria, as porções do texto mantêm entre si, além do conteúdo proposicional explícito, proposições relacionais implícitas. Essas relações ocorrem tanto entre as cláusulas como entre porções maiores do texto.

Nesse contexto, Mathiessen e Thompson (1987) destacam que a análise das orações complexas não deve se limitar ao nível interno das frases, mas deve considerar as funções discursivas. Os autores se recusam a adotar qualquer nomenclatura para caracterizar as relações de

<sup>2</sup> De acordo com a noção tradicional de oração “principal”.

<sup>3</sup> Usaremos a sigla correspondente à expressão em inglês, qual seja: Rhetorical Structure Theory (RST), conforme Mann e Thompson (1987)

combinação entre as cláusulas, para, segundo eles, evitar interpretações tradicionais ou limitadas. O objetivo é realizar interpretações gramaticais relacionadas à função no discurso. Para tanto, Mathiessen e Thompson (1987) deixam claro que o foco de análise do seu trabalho é a função gramatical e não a classe.

Os autores tratam da incorporação e combinação das cláusulas à luz da organização retórica do texto. A incorporação se dá quando uma cláusula passa a ser constituinte de outra cláusula e na combinação, ao contrário, as cláusulas não são partes constituintes umas das outras. Tradicionalmente, a incorporação refere-se à subordinação e a combinação refere-se à coordenação ou aposição. Nos termos de Halliday (1985) e Hopper e Thompson (1993), como visto anteriormente, a combinação refere-se à parataxe e à hipotaxe e a incorporação à subordinação, tendo em vista a relação de encaixamento.

Mathiessen e Thompson (1987) adotam como objeto de estudo a combinação das cláusulas. Eles distinguem dois tipos de relações: “aquela em que um membro do par é auxiliar do outro [...] e uma em que nenhum membro do par é auxiliar do outro [...]”. O primeiro chama-se relação “Núcleo-Satélite” e o segundo relação “Lista”. (MATHIESSEN; THOMPSON, 1987, p.19-20, tradução nossa).

Mathiessen e Thompson (1987) defendem a hipótese de que todos os textos podem ser descritos a partir dessas relações, as quais definem as combinações de cláusulas e os textos de forma geral, ou seja, as relações Núcleo-satélite e Lista estruturam e delimitam textos e combinações de cláusulas da mesma maneira. Isso porque as combinações de cláusulas representam unidades de texto retoricamente combinadas. Sob esse raciocínio, outra hipótese defendida por Mathiessen e Thompson (1987, p.37) é que “a cláusula que se combina na gramática evoluiu como uma gramaticalização das unidades retóricas no discurso definido pelas relações retóricas.”

Essa hipótese é coerente com a ideia, bastante difundida nas últimas décadas, de que a gramática deve ser estudada a partir do texto até se chegar ao discurso, ou seja, deve-se considerar todo o contexto na análise gramatical. Do ponto de vista prático, no entanto, surgem muitas dúvidas de como se realizar essa análise e dos aspectos que devem ser considerados. E essas dúvidas ainda aumentam consideravelmente quando se trata de análise sintática.

Para análise das relações retóricas, Mann e Thompson (1988) apresentam uma lista, baseando-se nas pesquisas por eles realizadas, e julgam essa lista suficiente para análise da maioria dos textos. Os autores esclarecem que as relações retóricas do texto são funcionais e podem centrar-se tanto no assunto do texto como na apresentação da relação. As relações que dizem respeito ao

assunto são: avaliação, causa, circunstância, elaboração, meio, propósito, resultado, resumo e solução. Vale salientar que o conteúdo determinante do tipo de relação estabelecida entre as orações é analisado a partir da oração satélite, em relação à oração nuclear, com exceção da relação de resultado, que se diferencia da relação de causa por trazer a ação ou situação causadora no núcleo.

Quanto às relações retóricas que dizem respeito à apresentação da relação são: background, concessão, evidência e justificativa. Nesse agrupamento de relações, mais uma vez, percebemos que, para efeito de análise, deve-se observar a oração satélite, cujo conteúdo determina a relação que se estabelece com a oração nuclear.

Convém lembrar que essas relações aqui apresentadas referem-se às orações hipotáticas, em que há combinação de cláusulas. Segundo Mathiessen e Thompson (1987), a gramática da combinação de cláusulas reflete a organização retórica do discurso.

## **2.2. Funções do pronome relativo nas adjetivas**

No contexto sobre a articulação de orações adjetivas, recorreremos, para fundamentar a análise do pronome relativo em foco, à noção teórica de sequenciação retroativo-propulsora, abordada por Tavares (2003, p.22). Segundo essa autora, “As formas seqüenciadoras retroativo-propulsoras são marcas de coesão, indícios lingüísticos para que o ouvinte perceba a relação de sequenciação entre informações impostas pelo falante” e pode ser realizada de vários modos: “[...] conectores, conectivos, conjunções, sequenciadores, itens/unidades/elementos de sequenciação, articuladores discursivos, articuladores textuais, entre outros”. (TAVARES, 2003, p.22).

O contato com os dados nos permite ver que o relativo não apresenta apenas a função anafórica, mas também a função catafórica, realizando movimentos discursivos no texto que levam o leitor a compreender o que está sendo exposto, ou seja, contribuem para a coesão do texto. No caso específico do pronome “o que”, reconhecemos que ele também assume a função semântica de resumidor (DECAT, 2011), já que resume todo o conteúdo da oração nuclear e, ainda, exerce a função sintática de argumento externo do verbo na oração satélite.

Na seção 3, a seguir, buscamos aplicar esses conceitos teóricos aos nossos dados para identificarmos os tipos de relações retóricas existentes na hipotaxe adjetiva e as funções do pronome relativo “o que”, considerando-se o contexto específico das redações produzidas nos dois processos seletivos.

### 3. DAS RELAÇÕES RETÓRICAS AO FUNCIONAMENTO DO RELATIVO “O QUE” NAS REDAÇÕES: A ANÁLISE DOS DADOS

Na amostra que ora analisamos, de 200 textos, encontramos 19 ocorrências de hipotaxe adjetiva, introduzidas pelo pronome relativo “o que”, 07 nos textos de nível médio e 12 nos textos de nível superior, assim distribuídas, de acordo com as funções:

**Tabela 01:** Funções das orações hipotáticas apositivas

FUNÇÕES	TI	SUP	TOTAL/TIPO
Concessão	02	00	02
Resultado	02	04	06
Evidência	03	03	06
Avaliação	00	05	05
<b>TOTAL/NÍVEL</b>	<b>07</b>	<b>12</b>	<b>19</b>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa, 2017

Para análise, observamos os seguintes critérios: as relações retóricas entre as orações; as funções do pronome “o que” e a posição da oração satélite. A análise dessas orações hipotáticas introduzidas por [, o que] revelou que, em **todas** as ocorrências, o pronome recupera a oração nuclear completa, como é possível observar em (01):

(01) Vale ressaltar que, não só na política, mas na própria sociedade, *a mulher é vista como sexo frágil*, **o que** acarreta de forma discriminatória a violência. (SUP.10).

Observamos que a oração nuclear em itálico é recuperada através do pronome [o que] e isso se repete nas demais porções textuais. Quanto ao conteúdo, as relativas apositivas apresentam-se com valor argumentativo, constituindo-se como um espaço propício para o autor expor sua opinião. Para uma melhor identificação das orações que estão sendo analisadas, usaremos o itálico como destaque da oração nuclear, portanto o referente do pronome “o que”. Vejamos alguns exemplos:

(02) *Algumas pessoas usam a internet para fazer o mal, como criar vírus e até mesmo praticar cyberbullying*, **o que** não chega a rebaixar a internet como uma coisa ruim. (TI.10).

(03) *A parte do uso melhor das redes sociais por adolescentes é o seu contato com familiares e amigos pelo mundo*, **o que** diminui o tempo de contato entre os dois e talvez com outros amigos. (TI14).

Em (02), do ponto de vista da organização retórica do texto (MATHIESSEN; THOMPSON, 1987), identificamos valor semântico de concessão, ou seja, parafraseando a oração satélite, entendemos a argumentação de que, **mesmo com** esses usos negativos, a internet não é rebaixada a uma coisa ruim. O pronome “o que” retoma tudo o que foi dito anteriormente.

Em (03), numa construção aparentemente contraditória, é possível interpretar a sentença da seguinte forma: se por um lado, as redes sociais aproximam familiares e amigos pelo mundo, por outro lado podem afastar os que estão perto. Daí entendermos que também há uma relação de concessão, pois a oração satélite traz uma situação aparentemente inconsistente com a oração nuclear. (MANN; THOMPSON, 1988).

Nos exemplos de (04) a (07), abaixo, as orações satélites estabelecem uma relação de resultado com a oração nuclear e se configuram também como fortes argumentos no texto. Vamos às análises:

- (4) E esta, faz com que eles usem aparelhos celulares em sala de aula, ou, desperta a ansiedade de acabar logo a aula, *apenas para chegar em casa e se direcionar rapidamente ao computador e passar duas horas lá, com o pretexto de estar se distraindo*, **o que** pode causar dificuldades na visão dores na coluna, ou até sedentarismo. (TI18)
- (5) Vale ressaltar que, não só na política, mas na própria sociedade, *a mulher é vista como sexo frágil*, **o que** acarreta de forma discriminatória a violência. (SUP.10)
- (6) Porém, devido à existência de comportamentos machistas, *a mulher ainda se sente inferiorizada*, **o que** a faz buscar ser superior ao sexo oposto.(SUP.14)
- (7) Com a propagação desse meio no mundo, aumentou-se os números de redes de aliciamento de menores no Brasil e no mundo, *a criação das redes sociais também fazem sua má parte, que seja ela na criação de perfis falsos*, **o que** faz com que o usuário aliciador se disfarça melhor nesse mundo virtual. (T.I.14)

A relação de resultado se revela nesses exemplos, pois a oração nuclear traz situações que causam o que está expresso na oração satélite. (MANN; THOMPSON, 1988). Nos quatro exemplos, observamos a utilização de verbos ou locuções verbais que direcionam para esses resultados. Assim, as situações expressas na oração nuclear, retomadas pelo pronome “o que”, assumem as seguintes ações: “pode causar”, “acarreta”, “faz buscar”, “faz com que”. Os verbos, de certa forma, contribuem para essa compreensão, pois trazem em si uma carga semântica de resultado.

Em (04), além de “o que” retomar a informação anterior, essa retomada se amplia. Interpretamos que a causa da dificuldade na visão, das dores na coluna e do sedentarismo, a que se refere o autor, não ocorre porque o sujeito passa duas horas no computador, menos ainda pela ansiedade de fazer isso, mas sim pela frequência com que se repete essa ação.

Durante a análise dessas orações, percebemos que algumas porções textuais acumulam mais de uma função. No exemplo (08), abaixo, percebemos uma relação tanto de resultado quanto de evidência. Vejamos:

- (8) Mas o seu uso sem controle [...] *pode trazer doenças para o seu corpo, como a tendinite e a curvatura da coluna, o que* as prejudica a vida toda [...] (TI.14)

Inicialmente, entendemos que as doenças prejudicam a vida da pessoa que usa a internet sem controle. Daí seria uma relação de resultado, mas até pela construção da argumentação do texto, o autor afirma, na oração satélite, uma situação que é evidente, já que as doenças, inevitavelmente, prejudicam a vida de qualquer pessoa. Dessa forma, a argumentação se torna mais consistente.

Como relação retórica, a evidência marca a presença de situações que tendem a reforçar o que já estava afirmado na oração nuclear, com o objetivo de aumentar a confiança do leitor em relação àquele conteúdo expresso (MANN; THOMPSON, 1988). Vamos analisar outros dados:

- (9) Além das doenças o mal uso da internet faz com que *os xingamentos sejam maiores, a discriminação racial, entre outras discriminações, conhecidas como cyberbullying, o que* se torna frequente na internet hoje. (TI.14)

- (10) [...] *Os jovens são muito conectados com os aparelhos em geral, o que* pode ou não, gerar problemas. (TI10)

Como vemos, as orações satélites dos exemplos (09) e (10) trazem afirmações que contribuem para a argumentação textual e que estabelecem uma relação de evidência com as orações nucleares. Em (10), especificamente, a oração apositiva não traz em si o argumento, o autor apenas faz uma constatação, a partir da qual começa a organização dos argumentos que serão utilizados depois, afirmando que há um lado positivo e um lado negativo no fato de os jovens estarem muito conectados.

Como exemplo de avaliação, podemos analisar as seguintes porções textuais:

- (11) Além disso, ainda no tocante à política, *vê-se o preconceito contra a mulher nesse âmbito, baseado, simplesmente, na crença, de que esse indivíduo não possui preparo*

*físico e intelectual suficiente, o que é inaceitável, visto que milhares de mulheres se mostram verdadeiras guerreiras na busca de um mundo mais justo e igualitário.*(SUP.19)

(12)[...] *Isso se deve a esse preconceito sexista que ainda existe de que política é para homens, o que é errado.* (SUP.63)

Como vemos, através das orações apositivas, os autores dos textos se posicionam, de maneira avaliativa, a respeito do conteúdo expresso das orações nucleares.

A análise dessas sentenças nos leva a perceber que a função textual-discursiva de retomada, conforme apresentada por Decat (2014), na verdade, é inerente às relativas apositivas, devido ao uso do pronome “o que”, portanto, cabe a ele a responsabilidade de retomar a oração nuclear, independentemente do conteúdo que a oração satélite tenha. Daí a classificação de “pronome resumidor”, nas palavras de Decat (2011).

Nesse contexto, reconhecemos ainda que o pronome assume a função de conector de Sequenciação Retroativo-propulsora, tornando-se responsável pela sequenciação textual e acumulando as funções de anáfora e catáfora, simultaneamente, o que revela um movimento discursivo na organização textual. Do ponto de vista sintático, dentro da oração relativa, o pronome “o que” ainda assume a função de argumento externo ao verbo (tradicionalmente, a função de sujeito). Isso pode ser observado em todas as ocorrências das orações adjetivas hipotáticas, introduzidas pelo pronome “o que”, encontradas nos nossos dados.

Quanto à posição das orações relativas apositivas, constatamos que todas as orações apositivas introduzidas por “o que”, apresentam-se pospostas à oração-núcleo a que se referem, posição essa que favorece a função de retomada do pronome.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a análise dos dados, ratificamos que todas as orações adjetivas, aqui analisadas, cooperam para a construção da argumentação textual. Nesse sentido, confirma-se o ponto de vista de Decat (2014), quanto ao uso das relativas apositivas como uma estratégia argumentativa. Isso se sobressai, ainda mais, quando observamos que as sentenças são construídas logo após uma afirmação ou constatação do sujeito em relação ao tema, seja pelo conhecimento de mundo, seja pela consulta aos textos da prova. Assim, as apositivas são usadas como um artifício para comprovar ou persuadir o leitor a respeito do que está sendo argumentado.

A forma “o que”, de acordo com o exposto, é considerada por muitos autores como sendo composta por um pronome demonstrativo e o pronome relativo “que”. (CASTILHO, 2010; NEVES,

2014, entre outros). Isso implica considerar as orações por ele introduzidas como sendo adjetivas restritivas, sem antecedente expresso ou, de outra forma, sendo o próprio demonstrativo o seu antecedente. Contudo, o tratamento dado, neste trabalho, foi de “o que” como uma forma composta, com uma função apenas, a de pronome relativo. Consideramos a impossibilidade de separá-las e argumentamos em favor do seu funcionamento como um pronome relativo.

Considerando que o pronome demonstrativo e o pronome relativo já são pertencentes à gramática, o processo de gramaticalização aqui testemunhado se dá na perspectiva *lato sensu* (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015), marcando um processo sintático que gera uma nova palavra da língua portuguesa. Podemos representar esse processo da seguinte forma: *O (pronome demonstrativo) + que (pronome relativo) > “o que” (pronome relativo)*. Houve, portanto, uma junção de duas formas com significados diferentes, para se tornar uma forma apenas. Observamos que, nas orações apositivas, “o que” acumula as funções de ligar as orações e de retomar o antecedente, ou seja, funções plenas de um pronome relativo prototípico. Vale lembrar que a retomada feita por esse pronome é da oração nuclear completa, por isso assume também a função de resumidor (DECAT, 2011).

Além dessa trajetória, destacamos o importante papel como organizador discursivo e adotamos a classificação proposta por Tavares (2003), de conectivo de Sequenciação Retroativo-Propulsora. Isto posto, inspirados nos autores funcionalistas, o *cline* de gramaticalização dessa forma linguística pode ter a seguinte representação: *pronome relativo (-gramatical) > conjunção (+gramatical) > sequenciador (discursivo)*.

## REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo. Contexto: 2010.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. Orações relativas apositivas desgarradas no português em uso. In: BISPO, Edvaldo Balduino; OLIVEIRA, Mariângela Rios. (Orgs.). **Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas**. Niterói: Editora da UFF, 2014, p.158-189.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Parábola, 2015.p.21-47.

GIVON, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

HALLIDAY, Michael A. K. **An introduction to functional grammar**. 2.ed. Baltimore: Edward Arnold, [1985] 1994.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. **Grammaticalization**. Cambridge: CUP, 1993.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Relational propositions in Discourse**. ISI/RR-83-115, 1983.

\_\_\_\_\_. **Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization**. ISI/RS-87-190, 1987.

\_\_\_\_\_. **Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization**. Text, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987. p. 275-329.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2014.

NEVES, Maria Helena Moura. **Texto e discurso**. São Paulo: Contexto, 2007.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 285f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.